



1290000707



TCC/UNICAMP N145a

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA



ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA TÊXTIL
BRASILEIRA:

COMPETÊNCIA EMPRESARIAL OU CONDIÇÕES SISTÊMICAS ?

Jaime Massaharu Nakata

Monografia apresentada ao
Instituto de Economia da Universidade
Estadual de Campinas, sob orientação
do Prof Dr. Éolo Marques Pagnani.

Campinas, novembro de 1995

ÍNDICE

Apresentação.....	
1.A Indústria Têxtil.....	1
2.Transformações no Paradigma tecnológico do Complexo Têxtil a Nível Internacional.....	8
2.1.Caracterização Tradicional.....	10
2.2. A Nova Estrutura do Complexo Têxtil a Nível Mundial.....	12
3. Evolução Recente da Indústria Têxtil Brasileira.....	28
4.Conclusões.....	41
Bibliografia.....	48

APRESENTAÇÃO.

A Indústria Têxtil foi um dos primeiros setores industriais a se implantar no Brasil. Isso fez com que, este se tornasse um dos mais importantes setores da indústria de transformação.

No entanto, a transformação e diversificação da economia brasileira, com o processo de desenvolvimento industrial, fez com que a indústria têxtil perdesse posição relativa tanto no valor da transformação industrial quanto no emprego gerado pela indústria de transformação como um todo.

Pretendemos neste trabalho analisar as causas do baixo nível de competitividade da indústria têxtil nacional, e com isso tentar entender a crise que esta vem atravessando desde a recente abertura econômica, que expôs o setor têxtil brasileiro à competição internacional, e mesmo se, uma prévia política industrial para o setor lhe garantiria níveis mínimos de competitividade.

Tornou se necessário fazermos uma análise das transformações no paradigma tecnológico do Complexo Têxtil a nível mundial, de modo a entender as tendências gerais desta Indústria e os principais fatores determinantes de sua competitividade. À partir daí analisamos o desenvolvimento da indústria têxtil nacional nas décadas de 70 e 80. Com isso, foi possível identificar quais os principais fatores que inibem uma maior competitividade da indústria têxtil nacional, tendo como referência as noções teóricas apresentadas por nós, ao longo do trabalho.

No capítulo 1, apresentamos uma conceituação do que seja o Complexo Têxtil, e como delimitamos nosso objeto de estudo. Nele, apresentamos também noções teóricas que julgamos importantes para o entendimento das questões levantadas no decorrer do trabalho.

No capítulo 2, analisamos as transformações ocorridas na indústria têxtil a nível mundial. No capítulo 3 traçamos um panorama da evolução do setor têxtil brasileiro entre os anos 70 e 80.

Para finalizar, no capítulo 4, estabelecemos realizar uma comparação entre o caso brasileiro e as tendências gerais da indústria têxtil no mundo, e, cujas relações nos permitiram o entendimento da noção de competitividade da indústria têxtil nacional e dos seus dilemas atuais.

CAPÍTULO 1.

A Indústria Têxtil.

O Complexo Têxtil, objeto do estudo desta monografia, é formado por duas Indústrias. Uma é a chamada Indústria Têxtil, responsável pela produção de tecidos e de uma ampla gama de produtos têxteis, como malhas, toalhas, entre outros, os quais veremos adiante. A outra é a Indústria de Vestuário, responsável basicamente pela transformação de tecidos em roupas acabadas¹.

Nesta monografia, pretendemos dar ênfase à análise da Indústria Têxtil, deixando de lado um estudo mais detalhado sobre a Indústria de Vestuário. No entanto, reconhecemos que algumas interrelações existentes entre estas indústrias são importantes, já que as duas fazem parte de um mesmo Complexo Industrial. Isso nos obrigará, quando for necessário, a explicitar algumas destas interrelações, sem contudo, aprofundar no estudo da Indústria de Vestuário como um todo.

A Indústria Têxtil é formada por diversos subsetores, dos quais se destacam os de fiação, de tecelagem e acabamento. Estes subsetores são responsáveis pela produção de tecidos à partir da matéria prima básica, que são as fibras têxteis, constituindo etapas sequenciais.

Cada um destes subsetores, não obstante a elevada interdependência que mantêm entre si, são altamente distinguíveis uma das outras, dado o caráter bem delineado e específico do processo produtivo e do produto ao qual cada um dos subsetores se dedica.

¹ Entre os estudiosos existem muitas diferenças de delimitação do Complexo Têxtil. Alguns critérios adotados acrescentam até a Indústria de Calçados no Complexo Têxtil. Por essa razão, procuramos delimitar nosso objeto de estudo de acordo com o que desejamos analisar neste setor industrial.

A fiação, como o próprio nome sugere, é responsável pela transformação das fibras têxteis em fios homogêneos. Estas fibras podem ser de origem natural ou sintética (química). No caso das fibras serem de origem natural (animal ou vegetal), há uma etapa prévia à fiação em si onde é feito o beneficiamento destas fibras (limpeza, selecionamento, tratamento, etc). Já no caso da fabricação de tecidos sintéticos, existem alguns tipos destes tecidos que dispensam a etapa de fiação.

Na tecelagem é feita a trama ou entrelaçamento dos fios produzidos na etapa anterior, que dá origem ao tecido. Há uma vastíssima gama de tecidos produzidos neste subsetor. Além dos tecidos de fibras de origem natural ou sintéticas, existem os que combinam estes dois tipos de tecidos, criando assim um pano misto.

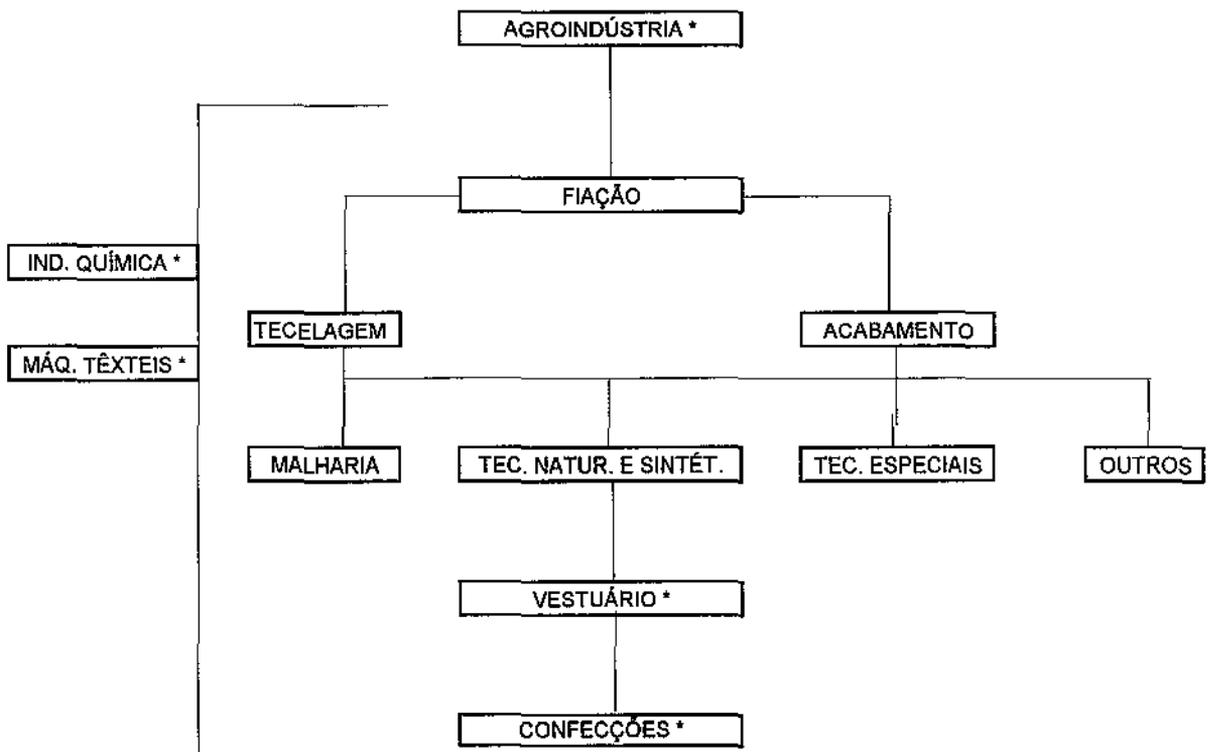
Já o subsetor de acabamento é responsável pelo tratamento de fios e tecidos que determina sua aparência. Trata-se de atividades como tingimento, alvejamento, mercereização, estamparia, entre outras.

São também considerados subsetores têxteis a Malharia, o subsetor produtor de Artigos Têxteis de Uso Doméstico, o subsetor de Tecidos Especiais, entre muitos outros.

A Malharia, como o próprio nome sugere, é responsável pela fabricação de malhas. Já o subsetor de Artigos Têxteis de Uso Doméstico produz toalhas, roupas de cama e mesa, etc. O subsetor de Tecidos Especiais produz tecidos específicos como roupas de trabalho, tecidos de alto valor, de alta resistência, tecidos industriais, etc.

Segue-se o gráfico abaixo com a estrutura do Complexo Têxtil, que ajudará a sistematizar as considerações anteriores:

O Complexo Têxtil.



(*) Indústrias Adjacentes.

Indústrias Adjacentes² são aquelas que possuem elos estabelecidos com a Indústria em análise. Trata-se basicamente de fornecedores e clientes. A Indústria Têxtil possui como principais indústrias adjacentes a montante (fornecedores) as indústrias química, de máquinas têxteis e a agroindústria. A Indústria Química, além de fornecer os vários tipos de fibras sintéticas, fornece vários compostos químicos utilizados na indústria têxtil, como alvejantes, corantes, resinas, etc. A indústria de máquinas têxteis obviamente fornece o maquinário e o equipamento necessário à produção têxtil. Já a agroindústria fornece as fibras naturais, seja de origem vegetal ou animal.

² Para saber mais sobre Indústrias Adjacentes ler: Porter, M. E. *Estratégia Competitiva. Técnicas para Análise de Indústrias e da Concorrência*. Ed Campus. 5ª ed, 1988. cap 8, p177.

Se destaca como principal indústria adjacente a jusante (cliente) a indústria de vestuário. Esta determina o nível de atividade da indústria têxtil, já que o nível de vendas da indústria têxtil depende do nível de pedidos da indústria de vestuário.

As indústrias adjacentes tem grande relevância, tanto na dinâmica do mercado de uma indústria, quanto na mudança em sua estrutura industrial. No caso da indústria têxtil, veremos posteriormente o papel e importância das indústrias adjacentes em influir na transformação e possibilitar as mudanças ocorridas na sua estrutura à partir dos anos 70.

A ampla gama de artefatos têxteis produzidos, cada qual através de um processo produtivo específico, gera diferenças entre os subsetores quanto a barreiras à entrada e escalas de produção. Estas são elevadas para a fiação e tecelagem sintéticas, onde atuam grandes empresas, sendo bem menores em todos os outros subsetores têxteis, havendo naturalmente diferenças entre estes.

O subsídio teórico a esta monografia terá a contribuição de muitos autores. Porter analisou as estratégias competitivas em vários tipos de indústrias, demonstrou quais os principais fatores que levam às mudanças estruturais em uma indústria, sintetizando grande parte da literatura sobre estrutura industrial e estratégias competitivas.

De grande relevância para este trabalho é seu estudo sobre os fatores que determinam mudanças estruturais em uma indústria. Muitas delas poderão ser identificadas no caso da indústria têxtil, como se verá adiante.

Steindl³ analisou diversos tipos de indústrias, tornando-se referência a diversos autores que se dedicaram à análise da dinâmica concorrencial capitalista, e à estrutura das indústrias, correlacionando funções e tamanho/porte das empresas.

³ Steindl, J. L. *Maturidade e Estagnação no Capitalismo Americano*. São Paulo, Abril Cultural, 1986.

Segundo este autor, existe um tipo específico de indústria onde existe um grande número de firmas, onde uma pequena parcela destas gera a maior parte da produção e se apropria da maior parte da receita gerada pela indústria.

Num mercado como este ocorre o seguinte: Algumas firmas, por estabelecerem inovações em produtos ou processos, passam a ter uma participação maior na receita e na produção gerada pela indústria. Este tipo de firma é chamada por Steindl de "firmas progressivas".

Já a ampla maioria das firmas desta indústria são pequenas e não inovadoras. Estas, apesar do grande número, geram uma receita muito pequena. São as chamadas "firmas marginais".

A concentração da produção e da receita em poucas firmas dá a uma indústria deste tipo a característica de um mercado Oligopolizado. Já o grande número de firmas existentes no mesmo dá a esta indústria as características de um mercado Competitivo. Com base neste trabalho de Steindl foi criada a denominação de mercado tipo "Oligopólio Competitivo" para designar indústrias com esta configuração.

Este é o caso da indústria têxtil. Apesar de algumas diferenças entre os subsetores têxteis, a maior parte desta indústria pode ser considerada como um oligopólio competitivo, já que, com excessão da produção de tecidos sintéticos, onde predomina grandes empresas produzindo em escalas elevadas, todos os outros subsetores possuem um grande número de firmas onde apenas uma parcela pequena destas concentra a maior parte da produção e da receita gerada.

Uma indústria deste tipo caracteriza se pelo fácil acesso ao mercado, dada as baixas barreiras à entrada, sendo o produto altamente padronizado, com pouca diferenciação.

Nesta monografia tentaremos analisar, à luz do escopo teórico sinteticamente colocado acima, as mudanças ocorridas na indústria têxtil internacional, e com isso, num segundo momento, entender as dificuldades da indústria têxtil nacional quanto a sua competitividade.

Segundo o trabalho intitulado "Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira" (ECIB)⁴, o conceito de competitividade é muito complexo e envolve muitos determinantes, não sendo determinado apenas por fatores como baixos custos salariais e política cambial favorável. O sucesso competitivo de países como Alemanha e Japão comprova esta tese, já que estes países passaram por fortes incrementos salariais e fortes valorizações em suas moedas.

O ECIB define competitividade como a "capacidade da empresa de formular e implementar estratégias concorrenciais, que lhe permitam conservar, de forma duradoura, uma posição sustentável no mercado"⁵.

Os determinantes da competitividade são muitos. O ECIB os divide em três grupos de determinantes, que são: fatores sistêmicos, fatores estruturais e fatores internos à empresa.



Extraído de: *Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira*. (versão final). Campinas, 1994.

⁴ Coutinho, L / Ferraz, J. C (org) *Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira*. (versão final). Campinas, 1994.

⁵ Coutinho, L. Ferraz, J. C (org). op. cit. Campinas, 1994.

Não é objetivo nosso identificar todas as variáveis que influem na competitividade. No entanto a definição destes três grupos se torna útil para que possamos identificar a intensidade da influência de cada variável (fator sistêmico, estrutural ou interno à empresa) no nível concorrencial da indústria têxtil.

Os fatores sistêmicos são aqueles relacionados a fatores externos e fora de controle da empresa. Diz respeito à estrutura social, econômica, política e cultural do mercado, às características do ambiente macro de atuação de uma empresa. Uma mudança num fator sistêmico traz consequências a toda a economia de um país, sendo por isso um fortíssimo determinante da competitividade de todo o sistema produtivo.

Os fatores estruturais estão relacionados ao ambiente econômico mais próximo da empresa. Trata se das características da indústria onde a firma atua, estando sujeito a influência da ação de firmas individuais. Uma mudança num fator estrutural traz consequências diretas a todas as firmas do setor.

Já os fatores internos à empresa são aqueles que estão sobre o total controle da firma. Diz respeito apenas a sua esfera de decisão e pode transformar sua posição competitiva frente aos seus concorrentes.

Utilizando este quadro teórico básico tentaremos identificar alguns fatores relevantes à competitividade da indústria têxtil brasileira, o que possibilitará uma melhor visão de suas condicionantes concorrenciais.

TRANSFORMAÇÕES NO PARADIGMA TECNOLÓGICO DO COMPLEXO TÊXTIL A NÍVEL INTERNACIONAL

A indústria têxtil, até os anos 60, caracterizava-se por possuir uma estrutura tecnológica madura, ou seja, um paradigma tecnológico estável e já determinado. Contudo, este paradigma tecnológico passa por uma profunda transformação a partir dos anos 70, que provoca mudanças em muitas características estruturais desta indústria.

O Complexo Têxtil, até os anos 60, se caracteriza pela elevada intensidade do uso de mão de obra em seu processo produtivo. Esta característica em sua Estrutura Produtiva tinha como fonte o padrão tecnológico vigente na época. À partir de meados dos anos 70, com a difusão de novas tecnologias, percebe-se uma ruptura significativa neste padrão estrutural. A tabela 1 ilustra esse fenômeno:

TABELA 1⁶.

EMPREGO NA INDÚSTRIA TÊXTIL DOS PAÍSES DA OECD, 1963-1981 (EM MILHÕES).						
	1963	1970	1974	1976	1978	1981
OECD EUROPA	3147	2916		2415	2301	
CANADÁ	81	97	105	95	94	94
USA	863	1113	1107	1042	1019	950
JAPÃO	1312	1144	930	877	753	744
AUSTRALIA	72	78	73	60	51	
NOVA ZELÂNDIA	12	17	18	16	15	
TOTAL OECD	5487	5365		4505	4233	

FONTE: Wolfgang Kurth. *Textiles and Clothing: A National and International Issue*. International Symposium on Industrial Policies for the Eighties. Madrid, mimeo, May 1980. Organization for Economic Cooperation and Development. *Indicators of Industrial Activity*. Paris: OECD. 1980-81 and 1964-82: Organization for Economic Cooperation and Development. *Textile Industry in OECD Countries, 1969-70*. Paris: OECD, 1971.

Ao longo do período retratado na tabela 1, podemos perceber uma diminuição do emprego na Indústria Têxtil dos países da OECD. Entre 1963 a 1978 (num período de 15 anos), o número de empregos caiu 23% na indústria têxtil dos países da OECD. A causa deste fenômeno foi a difusão de novas tecnologias poupadoras de mão de obra.

"Até a década de 70, a indústria têxtil era considerada uma indústria tipicamente intensiva em trabalho, como a maior parte das indústrias tradicionais. O resultado das inovações tecnológicas visando à redução do custo do trabalho nos países desenvolvidos, com maior automação da produção, alterou esta situação substancialmente. Nos EUA, por exemplo, Cline (1986) compara o período 1962/63 com 1983/84,

⁶ Extraído de: *The Economics of the Global Textile Industry*. In: *The Global Textile Industry* (World Industry Studies, nº 2). Brithish Library Cataloguing in Publication Data. cap 5, p 92.

constatando um acréscimo de 64% na produção simultaneamente a uma queda de 16% no emprego⁷."

2.1. Caracterização Tradicional.

Diversos estudos consultados por nós forneceram subsídios à caracterização do padrão de desenvolvimento do complexo têxtil até os anos 60.

Segundo Haguenauer "(...) não há uma liderança tecnológica no interior do Complexo, uma vez que sua tecnologia básica provém dos fornecedores de bens de capital, podendo mesmo ser considerada basicamente *supplier dominated*⁸."

Apesar da interdependência entre os setores da Indústria Têxtil, há uma separação clara entre os mesmos, não havendo uma hierarquia definida entre si. A fabricação de fios, por exemplo, não precisa estar necessariamente conjugada com a fabricação de tecidos dentro de uma mesma planta, podendo se realizar a fabricação de um separadamente da fabricação de outro, sendo o produto de uma etapa (fiação) insumo para a etapa subsequente (tecelagem).

O fato posto acima pode ser considerada uma importante fonte de uma das características mais marcantes desta Indústria, já que ela determina a possibilidade de qualquer tipo de integração vertical. Existem firmas que se dedicam apenas a um processo (fiação, por exemplo), como firmas que integram dentro de si dois ou mais subsetores da têxtil.

A tecnologia utilizada na Produção Têxtil permite a adoção de escalas das mais variadas. Custos maiores de se produzir em pequenas

⁷ Cline, W. R. *US Trade and Industrial Politics: The Experience of Textiles, Steel and Automobiles*. 1986. In: Krugman, P. Jr. (ed) *Strategic Trade Policy and the New International Economics*. Massachusetts, The MIT Press.

Extraído de: Haguenauer, L. *A Indústria Têxtil. Desenvolvimento Tecnológico da Indústria e a Constituição de um Sistema Nacional de Inovação no Brasil*. Campinas, 1990. p 23.

⁸ Haguenauer, L. op. cit. pag 12.

escalas podem ser compensadas por outros fatores, como por menores salários. Além disso, a tecnologia têxtil era altamente flexível, no sentido de que existia a possibilidade de se conjugar máquinas e equipamentos de diversas idades tecnológicas.

A ameaça de entrada, determinada basicamente pelo nível de barreiras à entrada, são pouco relevantes, já que é possível, pelo que já foi dito, produzir em pequenas escalas, obter tecnologia via mercado e utilizar equipamentos de diversas idades tecnológicas. Essas características determinam uma baixa necessidade de capital, e também uma baixa escala mínima de produção, fontes das pouco relevantes barreiras à entrada.

Contudo, não obstante a possibilidade de produzir adotando pequenas escalas de produção em quase todos os subsetores, dentro de si ela é diferenciada, sendo maior para fiação do que para confecção, por exemplo, onde no extremo a tecnologia permite que uma pessoa com uma máquina simples de costura possa produzir.

Portanto, a Estrutura da Indústria Têxtil até meados dos anos 60 se caracterizava por ser altamente heterogênea, dado a flexibilidade técnica, e atomizada, dado as pouco relevantes barreiras à entrada.

" Também contribui para a ausência de hierarquia mais rígida no Complexo a prevalência de estruturas atomizadas de produção na maioria das indústrias, já que praticamente inexitem barreiras à entrada na maior parte dos segmentos do Complexo. Em todos os países, as diversas indústrias do Complexo Têxtil têm participação acentuada do capital local através de grande número de firmas, estimulado pelo fácil acesso às tecnologias mais modernas e pela flexibilidade tecnológica: Viabilidade econômica da utilização de equipamentos antigos ou em diversas combinações quanto a suas idades tecnológicas e possibilidade de operação em escala variadas, inclusive bastante reduzidas⁹."

⁹ Haguenaer, L. op. cit. p23.

A competitividade dentro da indústria têxtil tradicional baseava-se em baixos preços, sendo os produtos ofertados altamente padronizados. A tecnologia disponível na época não permitia rápidas mudanças de modelos e padrões de produtos. Isso determinava uma grande importância de escalas de produção como fator de competitividade, já que isto diminuía os custos de produção. Contudo, a tecnologia têxtil também permite a participação de pequenas firmas no mercado, que atuam em mercados específicos, como subcontratadas, compensando as baixas escalas de produção com baixos salários pagos, por exemplo.

Teoricamente, Tavares¹⁰ (1975) caracterizou uma indústria tipo Oligopólio Competitivo, entre outras coisas, como de fácil acesso ao mercado, dado as baixas barreiras à entrada e produto pouco diferenciado. Este parece ser o caso tanto da Indústria Têxtil Brasileira, quanto da Indústria Têxtil mundial tradicional.

2.2. A Nova Estrutura do Complexo Têxtil a Nível Mundial.

Em resposta a crise de demanda que se tornou mais grave nos anos 70 e ao acirramento da concorrência, sinalizado, por exemplo, pela entrada de novos competidores no mercado mundial de têxteis (Coréia, Taiwan, China, entre outros), a Indústria Têxtil a nível mundial começa a sofrer várias transformações que mudam sua Estrutura Econômica e Produtiva.

Podemos identificar várias fontes que levam à mudança da Estrutura de uma Indústria. Uma dessas fontes é a mudança a longo prazo no crescimento da demanda.

"Talvez a força mais onipresente que conduz à mudança estrutural seja uma alteração no índice de crescimento da indústria a longo prazo. O crescimento da indústria é uma variável básica para determinar a

¹⁰ Tavares, M da C. *Acumulação de Capital e Industrialização no Brasil*. Rio de Janeiro, UFRJ (Tese de Livre Docência). Com base no trabalho de Steindl, faz um esforço de tipificação dos setores industriais no Brasil, classificando o setor Têxtil Brasileiro como Oligopólio Competitivo.

intensidade da concorrência dentro dela, e estabelece o ritmo de expansão necessário para manter parcela, influenciando, assim, o equilíbrio da oferta e da procura e a persuasão que a indústria oferece aos novos entrantes¹¹.

No caso específico da Indústria Têxtil, uma mudança a longo prazo no crescimento do Complexo vinha ocorrendo desde os anos 60, tornando-se mais agudo nos anos 70 dentro do grupo de países desenvolvidos. Nesta época, houve uma forte retração do consumo de produtos têxteis nos países centrais.

"No Japão, por exemplo, a taxa de crescimento do consumo de roupas caiu de 6,9% no período 1963-73 para 0,3% no período 1973-82, atingindo níveis negativos na década de 80", enquanto que "(...) na CEE o consumo de roupas caiu de 3,9% no período de 1963-73 para 0,9% no período 1973-82¹²".

Esta crise de demanda, identificada como uma mudança a longo prazo no crescimento gerou, em termos práticos no caso da indústria Têxtil, o que Michael Porter prescreveu em termos teóricos, ou seja, uma mudança na estrutura deste setor industrial. Dado os efeitos diversos que a crise de demanda provocou nos diferentes segmentos de mercado, a demanda por produtos têxteis sofreu um processo de segmentação. De um lado, o tradicional segmento de produtos padronizados, onde o fator preço é determinante da competitividade. De outro lado, na tentativa de estimular a demanda pouco dinâmica, as firmas têxteis passaram a atuar em segmentos de mercado, aumentando a importância do segmento de produtos não padronizados e específicos, onde a demanda é menos sensível a preços, sendo importante também a criatividade de estilos, design, etc¹³.

¹¹ Porter, M. E. *Estratégia Competitiva. Técnicas para Análise de Indústrias e da Concorrência*. Ed Campus, 5ª ed. 1991. cap 8, p 163. Esta é uma das causas determinantes da transformação da estrutura de uma indústria analisada teoricamente pelo autor, e que pode ser identificada no caso da mudança estrutural da Indústria Têxtil.

¹² Mytelka, L. K. *Technological Change and the Global Relocation of Production in Textiles and Clothing*. In: *Studies in Political Economy*. Nº 36, 1991.

¹³ Para saber mais sobre segmentação de oferta ler: Porter, M. E. *Vantagem Competitiva. Criando e Sustentando um Desempenho Superior*. 1989.

Além disso, o acirramento da competição mundial no comércio de têxteis, que ocorreu na mesma época que o fato citado no parágrafo anterior, gerou várias outras mudanças. A entrada de novos concorrentes na indústria também é apontado como uma importante causa de mudanças estruturais em uma indústria.

"A entrada afeta claramente a estrutura de uma indústria, principalmente a entrada de empresas estabelecidas de outras indústrias. As empresas entram em uma indústria porque elas percebem as oportunidades de crescimento e lucros que superam os custos de entrada (ou de superar as barreiras de mobilidade)". "(...) a entrada em uma indústria (por meio de aquisição ou do desenvolvimento interno) de uma empresa estabelecida é sempre uma força condutora muito importante para a mudança na estrutura desta indústria¹⁴".

No Complexo Têxtil internacional, o acirramento da concorrência foi determinado tanto pelo fraco desempenho da demanda, como também pelo aumento da penetração de produtos dos países do terceiro mundo no comércio mundial de têxteis. Esta penetração dos produtos de países subdesenvolvidos já vinha acontecendo desde meados da década de 60, dado as vantagens que os baixos salários destes países proporcionavam no mercado de produtos massificados. Nos anos 70, a penetração destes produtos se torna mais intensa, devido em muito às políticas de ajuste pelo qual estes países passaram naquela década, que aumentou a recessão interna destes países, levando-os a buscar mercados externos. A evolução do Comércio mundial de têxteis por área e por país podem ser vistos nas tabelas 2 e 3, respectivamente.

Analisando as tabelas 2 e 3, podemos perceber um significativo aumento da participação de alguns países subdesenvolvidos no comércio mundial de têxteis. Países como Taiwan, China, Coréia, Hong Kong, entre outros tinham uma participação entre os 15 maiores exportadores mundiais

¹⁴ Porter, M. E. *Estratégia Competitiva*.... p 179.

de têxteis de 14.1% em 1963, aumentando para 38.1% em 1989, um aumento de 24% em 26 anos (tabela 3).

Estas mudanças de mercado (crise de demanda, provocando segmentação de mercado), e de ambiente competitivo (acirramento da concorrência exercida pelos NICs¹⁵), forçaram os países desenvolvidos a adotarem estratégias visando atenuar as dificuldades que o movimento acima mencionado trouxe.

TABELA 2						
DISTRIBUIÇÃO DOS EXPORTADORES DE TÊXTEIS E VESTUÁRIOS POR ÁREA.						
TÊXTEIS	1955	1963	1973	1982	1986	1988
TOTAL (US\$BI).	4.7	7.0	23.2	51.5	66.3	92.9
ÁREA DESENVOLV.(%).	79	76	74	65	65	59
ÁREA SUBDESENV. (%).	15	16	18	25	25	29
PAÍSES DO LESTE (%).	6	8	8	10	10	13
VESTUÁRIO.	1955	1963	1973	1982	1986	1988
TOTAL (US\$BI).	0.8	2.2	12.7	41	61.8	89.5
ÁREA DESENVOLV.(%).	71	69	56	44	46	41
ÁREA SUBDESENV. (%).	10	13	30	42	41	45
PAÍSES DO LESTE (%).	19	18	14	14	13	14

Fontes: GATT- Textiles and Clothing in the World Economy (Geneva: July 1984) pp.40-41 for the 1955, 1963, 1973. GATT- International Trade 86-87 (Geneva: 1987) p. 17 for the 1982 and 1986. GATT- International Trade 89-90 (Geneva: 1990) p.61 for the 1988.

Extraído de: Mytelka, L. K. op. cit. 1991.

¹⁵ NICs- New Industrialized Countries (Países de Industrialização Recente).

Tabela 3.
Os 15 maiores exportadores de produtos têxteis - U\$ bi.

1963		1973		1982		1986		1989	
Japão	0,90	Alemanha	3,00	Alemanha	5,50	Alemanha	8,10	Alemanha	11,10
Reino Unido	0,71	Japão	2,50	Japão	5,10	Itália	5,90	Itália	8,00
França	0,63	França	1,70	Itália	4,00	Japão	5,50	Hong Kong	7,60
Índia	0,54	Benelux	1,70	USA	2,80	China	4,30	China	7,00
Alemanha ocid	0,53	Itália	1,50	Benelux	2,70	Hong Kong	3,90	Japão	5,50
Itália	0,53	Reino Unido	1,50	França	2,70	Benelux	3,90	Taiwan	5,40
Benelux	0,51	Holanda	1,30	Coreia do Sul	2,50	França	3,60	Coreia do Su	5,40
USA	0,49	USA	1,20	China	2,20	Coreia do Sul	3,20	Benelux	5,30
Holanda	0,36	Índia	0,70	Reino Unido	2,00	Taiwan	3,10	França	5,00
Suíça	0,21	Suíça	0,60	Holanda	1,80	USA	2,60	USA	4,40
Hong kong	0,11	China	0,60	Taiwan	1,80	Holanda	2,50	Reino Unido	3,60
Áustria	0,11	Taiwan	0,60	Suíça	1,40	Reino Unido	2,40	Holanda	2,40
China	0,09	Hong Kong	0,50	Índia	1,10	Suíça	1,90	Suíça	2,00
Portugal	0,09	Áustria	0,50	Áustria	1,00	Paquistão	1,30	Paquistão	2,00
Paquistão	0,09	Paquistão	0,40	Paquistão	0,90	Áustria	1,20	Índia	1,80
Percentagem dos 15 maiores exportadores no total das exportações mundiais									
84%		78%		73%		80%		78%	
Percentagem das exportações dos NICs em relação aos 15 maiores exportadores.									
14,10%		15,10%		22,60%		29,50%		38,10%	

Fonte: GATT - Textiles and Clothing. pág43; GATT - International Trade 86-87, pág18; GATT - International Trade 89-90 pág62.

Extraído de Mytelka, L. K (1991).

Em um primeiro momento, basicamente nos anos 60, quando o processo aqui analisado ainda era embrionário, os países desenvolvidos adotaram uma estratégia defensiva que consistia em protecionismo contra a concorrência externa. Já em 1961, restringiu-se a exportação de produtos de algodão para os países desenvolvidos. Em 1973, o protecionismo foi estendido a produtos têxteis fabricados à partir de outras fibras. Esta ação foi batizada de Multi-Fibre Arrangement (Acordo Multi-Fibras).

"Em 1961 foi firmado um acordo de curto prazo, restringindo as exportações têxteis de algodão para os países desenvolvidos. A justificativa básica foi a necessidade de proteção "temporária", para permitir a reestruturação das indústrias dos países desenvolvidos ameaçadas pela penetração das importações de países em desenvolvimento com baixo custo de mão de obra. Este acordo acabou por ser renovado sucessivamente, tomando a denominação de longo prazo. Em 1973, ampliou-se a proteção para incluir produtos têxteis fabricados a partir de outras fibras (Multi-Fibre Arrangement-MFA). Atualmente, negocia-se, no contexto da conclusão da rodada Uruguia de negociações multilaterais, no GATT, até quando perdurará a proteção "temporária" iniciada em 1961¹⁶".

Além desta ação defensiva descrita acima, os países desenvolvidos adotaram diversas políticas ativas de reestruturação industrial. Primeiramente, visando atenuar as vantagens competitivas dos países subdesenvolvidos (que possuem a vantagem de baixos custos salariais) no mercado de têxteis massificados.

Já foi dito que indústrias adjacentes são um possível determinante ou viabilizador de uma mudança estrutural. No caso do Complexo Têxtil, sua importância no processo de transformação analisado aqui ficará claro agora.

Na busca de diminuir as vantagens de custo advindas dos baixos salários praticados nos países em desenvolvimento no mercado de produtos massificados, a indústria têxtil dos países desenvolvidos se reestruturaram

¹⁶ Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira. Competitividade do Complexo Têxtil. (Nota técnica setorial do complexo-versão preliminar). Campinas, 1993. cap 1, p 31.

tendo como objetivo diminuir a intensidade da mão de obra requerida em seu processo produtivo.

A reestruturação buscando diminuir o peso da mão de obra no processo produtivo têxtil só foi possível porque coincidiu com uma revolução da microeletrônica, informática e metal mecânica na Indústria de bens de Capital produtora de Máquinas e Equipamentos Têxteis. Esta dinâmica de evolução tecnológica na indústria adjacente produtora de máquinas têxteis permitiu que fossem criadas novas máquinas e equipamentos que tornassem possível a diminuição do peso da mão de obra requerida pela indústria têxtil dos países desenvolvidos¹⁷.

Seguindo as inovações na indústria adjacente de máquinas têxteis, foi necessário uma melhora nas indústrias adjacentes produtoras de fibras artificiais (química) e naturais (agroindústria), já que a maior velocidade das novas máquinas têxteis requer fibras mais resistentes e de melhor qualidade.

À diminuição do peso do trabalho humano nos processos produtivos têxteis, somou-se uma reorganização da produção a nível mundial via subcontratação internacional.

A dificuldade de se diminuir o peso da mão de obra em algumas fases do processo produtivo (a fase de costura é bem ilustrativo desta dificuldade), levou os países desenvolvidos a adotar uma estratégia de subcontratação dessas fases relativamente mais intensivas em trabalho humano. As duas principais maneiras pelo qual isso aconteceu foi ou através de encomendas, onde o contratante define modelos e especificações, ou através do chamado *outward processing*, isto é, o deslocamento da etapa relativamente mais intensiva em mão de obra para um país com menor nível salarial, ou para empresas do mesmo país (geralmente pequenas e médias) que possuem um menor custo salarial.

¹⁷ A tabela 1 e a citação que a segue (pág 4) ilustra bem a diminuição do emprego nos países da OECD, concomitantemente com um aumento da produção, o que nos leva a concluir que a causa deste desemprego foram as inovações tecnológicas (desemprego tecnológico).

Esta última forma de subcontratação é utilizada em larga escala pela Itália, segundo maior exportador de têxteis em 1989.

"A magnitude da utilização da estratégia de *outward processing* pode ser inferida à partir das importações de vestuário da CEE. Cerca de 46% das importações de vestuário da CEE envolveram *outward processing*. No caso da Alemanha, país europeu que mais utiliza essa estratégia, cerca de 63% das importações de vestuário envolvem *outward processing*¹⁸."

Essa estratégia de, por um lado, reestruturar o processo produtivo de modo a diminuir a intensidade da mão de obra, e por outro lado subcontratar as etapas onde a nova tecnologia não permitia uma significativa diminuição do peso da mão de obra que tornasse as empresas dos países desenvolvidos competitivos, foi muito bem sucedida, permitindo que estes países continuassem nos mercados de produtos padronizados.

"(...) na europa, Alemanha e Itália emergiram como formidáveis competidores, fruto do sucesso da dupla estratégia de modernizar e subcontratar (domesticamente, no caso da Itália). O sucesso da adoção desta dupla estratégia levou a Alemanha a se projetar como maior exportador de têxteis no começo dos anos 70, enquanto a Itália passou de quinto maior exportador em 1973 para segundo em 1986.¹⁹"

Em relação ao segmento de mercado onde o fator preço não é o único determinante da competitividade, as novas tecnologias permitiram enormes avanços, tornando esse segmento altamente intensivo em capital, conhecimento e tecnologia. Aliás, este segmento de produtos onde os determinantes da competitividade são, além de preço, também design, marketing, estilo, entre outros fatores, vai se tornando muito importante dentro do Complexo Têxtil, sendo cada vez mais o padrão de produção dominante nesta indústria.

¹⁸ ECIB. *Competitividade do Complexo Têxtil*. (nota técnica setorial do complexo-versão preliminar). 1993. cap 1, p 30.

¹⁹ Mytelka, L. K. *Technological Change and the Global Relocation of Production in Textiles and Clothing*. Studies in Political Economy, nº36, 1991. p115.

"A nova estratégia empresarial no complexo têxtil que vem se processando intensamente nos países industrializados tem como principal direção o abandono dos grandes mercados massificados - produtos estandarizados - em favor da produção de lotes menores e de produtos que incorporem mais intensamente os conceitos de moda e estilo. Nessa nova configuração, o foco concorrencial não mais se centra na questão preço, e sim no estilo, design, na moda. Esta tendência exige dos fabricantes, acima de tudo, a capacidade de organizar a produção de forma flexível, possibilitando respostas rápidas às alterações frequentes nas preferências dos mercados.²⁰"

As novas tecnologias foram primordiais no processo de mudança estrutural estudado. Além de elevar a velocidade da produção, diminuir desperdícios e elevar a qualidade dos produtos (o que tornou os países desenvolvidos novamente competitivos no mercado de produtos estandarizados), permitiu uma enorme flexibilização da produção. Isso levou os países desenvolvidos a buscar, em alguns setores (vestuário, malharia), mudar o padrão de concorrência antes baseada em preço para um padrão baseado em preço e criatividade. Os novos sistemas microeletrônicos de monitoramento e criação de estilos levou a têxtil a se tornar design-intensiva.

Segundo Mytelka, na malharia, por exemplo: "(...) a flexibilidade na mudança de modelos e design tornou-se disponível apenas nos anos 80, mas quando isso aconteceu ela revolucionou a indústria, reduzindo o tempo necessário para a mudança de modelos das três horas anteriores para treze minutos²¹". No vestuário, o mesmo processo ocorreu. "As inovações na indústria de confecções permitiram a adoção de formas flexíveis de organização da produção. O principal avanço tecnológico do setor refere-se à utilização crescente de tecnologia CAD/CAM, tanto nas fases de

²⁰ ECIB. *Competitividade do Complexo Têxtil*. (nota técnica setorial do complexo-versão preliminar). 1993 cap 1, p28.

²¹ Mytelka, L. K. op cit. p 122.

concepção e desenho, como na preparação e execução de corte nos tecidos. O desenho de modelos em computador (CAD) permite um ganho expressivo quanto à definição de novos modelos - inclusive facilitando pequenas alterações em modelos existentes - bem como na melhor especificação técnica dos seus componentes. Em relação a tecnologia tradicional, o CAD pode reduzir em quase a metade o tempo entre a definição do modelo e o início da fabricação²².

O processo de reestruturação levou também a uma maior intensidade da importância de marketing, gerenciamento de processos, ou seja, o processo de reestruturação tornou o Complexo Têxtil altamente intensiva em conhecimento.

As empresas que quiserem se tornar produtoras independentes, no sentido de deter em suas mãos as decisões sobre os processos relevantes de produção (poder que empresas subcontratadas não possuem), necessariamente deverão buscar se capacitar em termos de gerenciamento, coordenação, marketing, design, visão sobre tendências da moda, etc. Estas são, cada vez mais, as atividades que agregam maior valor na indústria têxtil e que determinam a dinâmica da indústria.

Um exemplo da importância desses ativos intangíveis na competitividade das empresas é o caso da Benetton. Esta empresa se especializou nos processos de criação de modelos, marketing, e coordenação das atividades da rede de produtores subcontratados (fornecedores) e das lojas que trabalham sobre o sistema de franquias, que vendem seus produtos.

Segundo Belussi: " O funcionamento da Benetton, uma das mais bem sucedidas empresas do complexo em nível internacional, exemplifica este ponto: uma rede de comunicação interliga a matriz às várias lojas que operam sobre o sistema de franquia, em diversos pontos do mundo; desta maneira, a empresa tem conhecimento perfeito de quais estilos, tamanhos e

²² ECIB. *Competitividade do Complexo Têxtil*. 1993. cap 1, p 28.

cores são demandados em cada segmento de mercado quase simultaneamente. Coordenando igualmente a produção, pode responder ao mercado entre 6 e 8 semanas à frente de seus concorrentes²³".

A reestruturação, portanto, não se limitou a ganhos de produtividade e flexibilidade. Houve, em grande parte para viabilizar este aumento de flexibilidade, um aumento da comunicação e parceria entre as diversas empresas que se relacionam em uma cadeia produtiva, sendo a empresa líder neste relacionamento a que detém em suas mãos os processos de criação, marketing e coordenação, como é o caso da Benetton posto acima, que coordena as atividades de uma ampla gama de produtores. O relacionamento entre os produtores dos diversos setores da cadeia produtiva não pode mais se dar apenas via preços. Torna-se imprescindível a parceria entre os elos da cadeia produtiva.

• O aumento da importância de ativos intangíveis coloca barreiras à entrada para novos produtores independentes, já que marketing, griffes e estilos leva à criação de produtos diferenciados, aumentando as necessidades de capital requeridos para superar as preferências dos consumidores por griffes já estabelecidas. O aumento da importância de métodos de gerenciamento e coordenação cria barreiras porque este ativo intangível (conhecimento) não está disponível no mercado

O desenvolvimento desta nova estrutura econômico-produtivo do Complexo Têxtil internacional age no sentido de aumentar as barreiras à entrada não só pelo aumento da importância dos bens intangíveis, mas também por aumentar a dificuldade de novos entrantes por outros motivos que podem ser melhor quantificados e visualizados, como se verá abaixo.

O desenvolvimento do Complexo Têxtil a nível internacional nos levava a crer que a tendência de aumento da importância dos países subdesenvolvidos nesta indústria iria continuar aumentando, já que países

²³ Belussi, F. Benetton, *Information Technology in Production and Distribution. A Case Study of the Informative Potential of Traditional Sectors*. Brighton. (Occasional Paper, nº25). 1987. Extraído de Haguenaer, L. op. cit. p 61.

como Taiwan e Coréia tiveram acesso às tecnologias mais modernas (filatórios a rotor, teares a lançadeira, etc²⁴), e a China, um país com tecnologia tradicional e baixíssimos salários se tornou um dos maiores exportadores de têxteis do mundo. Contudo, barreiras a novos competidores se elevaram.

Primeiramente, as consequências da cotas erguidas no Acordo Multi-Fibras (MFA)²⁵ tem contribuído para aumentar a concentração nesta indústria que, até pouco tempo atrás, era acessível a um grande número de firmas que tinham relativo fácil acesso à tecnologia.

Na tabela 3 da página 16 podemos verificar que existem 6 países em desenvolvimento entre os 15 maiores exportadores de têxteis em todo mundo. Não obstante a elevação de cotas de exportação impostas pelos países desenvolvidos no Acordo Multi-Fibras, os três maiores exportadores subdesenvolvidos (Coréia, Taiwan e Hong Kong) aumentaram suas exportações em detrimento dos outros países subdesenvolvidos.

Segundo, os custos de capital requeridos para modernização da indústria têxtil aumentou consideravelmente no período estudado. Os novos equipamentos têxteis são muito mais caros do que os equipamentos tradicionais. Isso aumenta a necessidade de capital, um acontecimento que age no sentido de restringir a entrada de pequenas firmas.

"(...) a rápida modernização da indústria de fiação no período 1977-86 foi muito custosa. Na Alemanha, Japão e USA o custo de depreciação e de juros aumentou de 12% a 15% em 1983 para 20% a 24% do total dos custos de produção em 1987. Contudo, ficou

²⁴ "O estoque de teares a lançadeira no período de 1977-86 aumentou em 22.201 unidades em Taiwan e 15.059 na Coréia, comparando com as 16.098 unidades na Alemanha e 12.153 unidades na França." Extraído de Mytelka, L. K. op. cit. p 117.

²⁵ O Acordo Multi Fibras foi uma tentativa bem sucedida dos países desenvolvidos de estabelecer cotas físicas de exportação de têxteis provenientes dos países subdesenvolvidos.

consideravelmente abaixo dos 36% registrados no Brasil e dos 29% na Índia em 1987²⁶".

Terceiro, como já foi colocado, o próprio movimento de modernização e flexibilização coloca dificuldades aos produtores que baseiam sua vantagem competitiva em baixos custos.

Em produtos de baixo custo, ineficiências de gerenciamento, design, tecnologia, etc, podiam ser compensados por baixos custos salariais. Este fato tornou possível a entrada de países subdesenvolvidos no mercado mundial de têxteis. Contudo, a modernização e a flexibilização da produção altera isso.

"(...) a mudança da forma de competição, de uma baseada em preço para outra baseada em preço e inovação cria novas barreiras à entrada para países do terceiro mundo. A habilidade de se capacitar em conhecimentos de produtos e processos determinará o sucesso de novos produtores independentes.²⁷"

O caso Coreano é bem ilustrativo. Este país, nos anos 70 e começo dos anos 80, aumentou sua taxa de modernização que, combinado com os baixos salários, permitia que suas firmas ganhassem mercado, não obstante a inicial incapacidade gerencial, que acabou sendo superada, tornando este país um dos maiores exportadores de produtos têxteis.

Contudo, um novo desafio se coloca diante deste país. À medida que a indústria têxtil se torna cada vez mais conhecimento-intensiva, e que os salários sobem neste país, minando suas vantagens de baixo custo, surge a necessidade deste país adotar uma nova estratégia para enfrentar as dificuldades advindas do processo.

A estratégia adotada foi semelhante a estratégia já estudada dos países desenvolvidos nos anos 70. A Coreia promoveu um grande esforço

²⁶ Mytelka, L. K. op. cit. p 120

²⁷ Mytelka, L. K. op. cit. p 111.

de se capacitar em design, marketing e desenvolvimento de marcas próprias (griffes), além de, é claro, diminuir o peso da mão de obra no processo produtivo.

"(...) na Coréia, algo em torno de 4 bilhões em novos créditos foram alocados pelo Ministério da Indústria para modernizar a indústria têxtil, de modo a reduzir o conteúdo de mão de obra, aumentar a qualidade e a flexibilidade. Ao mesmo tempo, universidades e companhias tem desenvolvido programas de capacitação em estilo de design²⁸".

Ao mesmo tempo, a estratégia de subcontratação vem se tornando cada vez mais importante, como pode ser visto na tabela 4.

Portanto, o desenvolvimento dos países asiáticos mais avançados seguem o mesmo caminho trilhado pelos países desenvolvidos nos anos 70. Os NICs estão buscando se tornarem produtores independentes, tentando se capacitar em métodos gerenciais, marketing, design, criação de griffes, etc. Novos países vão se integrando ao comércio mundial de têxteis via subcontratação (Jamaica, Filipinas, Indonésia, entre outros). A possibilidade destes países se tornarem produtores independentes é remota no médio prazo, dado a diferença de capacitações que os separa dos produtores que os contrata.

²⁸ Mytelka, L. K. op. cit. p 131.

TABELA 4.

INVESTIMENTO EXTERNO DIRETO DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE VESTUÁRIO DA CORÉIA. NÚM. INVEST. APROVADOS POR ANO.

PAÍS	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	VALOR (US\$ MI)
REP. DOMINICANA	1	2			3	4	5			10,3
COSTA RICA				1	4	1	1			13,2
GUATEMALA				2	1		3	17	3	21,6
OUTROS AM. LATINA(a)					1	1	3	4	3	22,9
INDONÉSIA						2	7	16	10	39,4
FILIPINAS						1	1	6	2	6,9
SIRI LANKA(b)	1					1		3	1	14,4
OUTROS ÁSIA(c)						1	2	5	5	16,4
USA						3	1	3	1	18,2
EUROPA (d)			1		1		1	2		2,4
OUTROS										2,2

Notas: a) Jamaica, Panamá, honduras, Colômbia, Brasil e Paraguai.

b) Inclui 1 investimento em 1988.

c) Inclui Tailândia, Bangladesh, Pakistão, Hong Kong, Índia, China, Malásia e Burma.

d) Inclui Irlanda e Turquia.

FONTE: Korea Federation of Textile Industries, March 31, 1990, SCS.

A difusão da nova tecnologia num setor Oligopólio Competitivo como o setor têxtil trouxe algumas mudanças em certas características básicas de um mercado com esta tipificação, como foi exposto neste capítulo.

Em termos de economias de escala e barreiras à entrada, novas máquinas e equipamentos elevam a flexibilização e a possibilidade de se produzir em pequenos lotes. Contudo, para amortizar o custo elevado dos novos equipamentos, este precisa produzir continuamente em pequenos lotes, o que acaba se traduzindo numa transformação do tipo de economia de escala.

Passa a vigir então um aumento da importância da capacidade gerencial e do domínio da técnica produtiva, que se torna mais complexa, aumentando as barreiras à entrada ligadas às habilidades e conhecimentos transpostos para as empresas (bens intangíveis).

Segundo Possas²⁹, em um processo como este, surgem novas economias de escala que não se relacionam com o tamanho da planta em si, mas com o processo de produção, chamadas de economias de escala do produto, derivadas da produção ininterrupta e da crescente especialização da força de trabalho.

Portanto, a nova tecnologia acaba elevando as barreiras à entrada, seja por aumentar as necessidades de capital, as necessidades de habilidades gerenciais e economias de escala. Contudo, teoricamente, para grandes firmas a nova tecnologia não impede a entrada. Ela acaba impedindo a difusão da nova tecnologia para uma ampla gama de pequenas firmas, que acabam produzindo através de métodos obsoletos, aumentando a competitividade das firmas que conseguem se modernizar, geralmente as maiores.

²⁹ Possas, M. L. *Estruturas de Mercado em Oligopólio*. São Paulo, Hucitec, 1986.

CAPÍTULO 3.

EVOLUÇÃO RECENTE DA INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA.

O complexo têxtil brasileiro tem sua produção voltada basicamente para o mercado interno, sendo um exportador pouco relevante, e conseqüentemente com uma participação pequena no comércio internacional de produtos têxteis.

A tabela 5 nos fornece a participação do Brasil no mercado internacional de produtos têxteis. Com uma parcela de 0,7% deste mercado a nível mundial no ano de 1991, o Brasil não figura entre os grandes exportadores mundiais deste produto.

PAÍS	RECEITA (US Bi)	PARTICIPAÇÃO NO MERCADO (%)
Hong Kong	18,2	10,3
Itália	16,6	9,4
Alemanha Ocidental	15,9	9
Coréia do Sul	13,6	7,7
China	11,3	6,5
Taiwan	9,3	5,3
França	7,9	4,5
Brasil	1,2	0,7

Fonte: Textília Têxteis Interamericanos, Jan/92.

Extraído de: Mathias dos Santos, J. B "A posição da Indústria Têxtil Brasileira no Mercado Internacional" . Monografia UNESP, nov 1993.

"A posição que o Brasil ocupa no comércio mundial de produtos têxteis é de um fornecedor marginal, com frágil posição diante da concorrência, especializado em alguns produtos e com desempenho

irregular em suas exportações. A produção da indústria têxtil brasileira é voltada para o mercado interno³⁰.

De outro lado, as importações brasileiras sempre foram pouco relevantes. Contudo, este fato não refletia um possível alto nível de competitividade de nossa indústria têxtil nacional, mas sim como resultado do modelo desenvolvimentista implementado no país (Industrialização por Substituição de Importações), que se caracterizou, entre outras coisas, pelo elevado grau de proteção à indústria têxtil nacional. Neste ambiente protegido, a indústria têxtil se desenvolveu sem se preocupar com seu nível de eficiência e competitividade.

Em consequência desse isolamento de pressões concorrenciais, a dinâmica do complexo têxtil nacional está atrelado basicamente à dinâmica da demanda interna, por sua vez ligada a efeitos derivados de políticas ou fatores sistêmicos, que por sua vez interferem com a distribuição de renda e com o consumo interno de produtos têxteis.

A evolução recente da indústria têxtil nacional (analisada à partir dos anos 70) reflete isso. A tabela abaixo nos permite estabelecer uma visão retrospectiva do nível de atividade da indústria têxtil nacional.

TABELA 6

BRASIL - INDÚSTRIA TÊXTIL: ÍNDICES DE PRODUÇÃO FÍSICA. 1982-1989									
DISCRIMINAÇÃO	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989
Têxtil	100	105	94	90	103	117	116	109	109
Fiação e Tecel. Nat.	100	106	98	92	108	118	118	109	111
Fiação e Tecel. Artif	100	106	89	93	99	119	116	111	110
Ind. de Transformação	100	99	94	99	108	120	122	117	121

Fonte: IBGE, Pesquisa Industrial Mensal.
Extraído de Haguenaer, L. op. cit. p 32.

³⁰ Extraído de Mathias dos Santos, J. P. *A posição da Indústria Têxtil Brasileira no Mercado Internacional*. Monografia UNESP, nov 1993.

Os índices de produção física (tabela 6), demonstram correlação entre a variação da produção têxtil e os ciclos de expansão e retração da economia brasileira durante a década de 80. A queda da produção entre 1981 e 1983 teve como causa a forte recessão advinda da crise da dívida externa pelo qual atravessou o país.

À partir de 1984, a economia brasileira como um todo volta a se recuperar, redirecionando-se para o mercado externo. A indústria têxtil não acompanhou, a princípio, esta tendência, dado o baixo coeficiente de exportações brasileiras. Só à partir de 1985 com a recuperação da demanda interna, e em 1986, com a explosão de consumo provocado pelo Plano Cruzado, a produção têxtil volta a crescer, seguindo de perto o movimento expansivo da economia.

Outra característica marcante entre as décadas de 70 e 80 é a elevação da concentração da produção no setor.

A tabela 7 fornece alguns dados que nos permite ter alguma idéia sobre a evolução da concentração industrial que se processou na indústria têxtil no período.

TABELA 7.

BRASIL - CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL.				
Nº Estabelecimentos.	1970	1975	1980	1985
Pessoal Ocupado				
1a4	1515	1575	1000	1249
5a9	965	1149	1232	885
10a19	935	1028	1152	578
20a49	817	935	1127	784
50a99	413	528	560	447
100a249	319	422	546	480
250 a 499	180	357	288	216
Mais 500	165	97	109	106
Total	5309	6091	6014	4745

Valor Adicionado %			
Pessoal Ocupado	1975	1980	1985
1a4	1,24	0,41	0,31
5a9	2,71	1,35	0,78
10a19	5,4	4,07	2,59
20a49	9,9	9,6	7,9
50a99	12,33	10,61	9,82
100a249	18,08	22,36	21,37
250a499	29,44	26,29	24,86
Mais 500	20,9	25,31	32,37
Total	100	100	100

Fonte: IBGE, Censos Industriais.

Os dados dos anos de 1975, 1980 e 1985 foram extraídos de Haguener, L. "A Indústria Têxtil Brasileira". IPT / FECAMP. Campinas, 1991.

A dinâmica de expansão e retração do número de firmas também reflete a sintonia da produção têxtil com os ciclos de expansão e retração da economia. Nos anos 70, o grande aumento do número de firmas têxteis é fruto da elevada taxa de expansão da economia na época do "milagre econômico". A acentuada queda do número de firmas entre 1980 e 1985 deveu-se à forte recessão advinda da crise da dívida externa enfrentada tanto pelo Brasil quanto pelos demais países em desenvolvimento.

No que se refere à concentração Industrial no setor têxtil nacional, os dados da tabela 7, mostram que, no ano de 1975 as firmas com mais de 100 empregados eram 14,4% do total, sendo responsáveis por

68,4% do valor adicionado desta indústria. Em 1980, as grandes firmas eram 15,7% do total, e geravam 74% do valor adicionado por esse setor industrial. Já em 1985, as firmas com mais de 100 funcionários correspondiam a 17% do total, e geravam quase 80% do valor adicionado.

Para todas as outras faixas de firmas com menos de 100 empregados, a participação no valor adicionado decresce sistematicamente. Neste grupo de firmas, notamos que quanto menor é a firma em termos de pessoal ocupado, maior é a queda relativa em seu valor adicionado (as firmas na faixa de 1 a 4 empregados assistiram a uma queda de aproximadamente 400% no seu valor adicionado, enquanto a faixa de firmas com 50 a 99 pessoas ocupadas teve uma queda de menos de 50% no valor adicionado.

A ampla gama de produtos têxteis existentes e os diferentes processos produtivos que são utilizados na fabricação de cada um desses produtos, aliado a ampla gama de escalas de produção possíveis e a flexibilidade técnica de se produzir têxteis, torna esta indústria intrinsecamente heterogênea, possibilitando a existência de diversos tamanhos de firmas têxteis.

Contudo, no Brasil, além da heterogeneidade advinda da tecnologia têxtil (que em maior ou menor intensidade existe em qualquer país), tem se um grau de heterogeneidade determinado pela estrutura sócio-econômica do país.

Segundo Atem (1989) "(...) existem duas causas para a heterogeneidade estrutural da indústria têxtil nacional. Primeiro, as grandes firmas se dedicam aos grandes mercados de produtos padronizados, não trabalhando com capacidade ociosa planejada, situação em que seria possível responder a elevações da demanda. Essa forma de atuação das grandes empresas abre espaço para a atuação de pequenas firmas, que nascem de um momento para outro, operando, via de regra, com equipamentos lançados como sucata pelas firmas maiores. Segundo, a



SISTEMA DE
BIBLIOTECAS
e INFORMAÇÃO

EMPRÉSTIMO ENTRE BIBLIOTECAS – EEB Externo

BIBL. SOLICITANTE: BIBLIOTECA CAMPUS I 900061	ALUNO GRADUAÇÃO	(x)	DATA : 18/2/2008
	ALUNO PÓS-GRAD.	()	N.º SOLICITAÇÃO: 03
	DOCENTE	()	
	PESQUISADOR	()	

NOME DO USUARIO: Aline Aparecida Becassi

CURSO: Adm. COMEX.

RA: 04251955

TEL.: (19) 81460000

INSTITUIÇÃO: Pontifícia Universidade Católica de Campinas

END.: Rod. D. Pedro I, Km.136

CEP: 13904-020

CIDADE: Campinas

UF: SP

TEL: 3756-7239

AUTOR: Jaime M. Nakata

TÍTULO: Análise da competitividade da indústria têxtil brasileira

LOCALIZAÇÃO: Biblioteca IE

N.º DE CHAMADA:

TEC UNICAMP N 1452

PRAZO DE EMPRÉSTIMO:

T 129.000704

M. Makiko M. Gallo
MARIA MAKIKO M. GALLO
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL
CRB - 474

ASSINATURA DO USUÁRIO

RA: *Aline Becassi*

-CORTE AQUI - - - - -

BIBLIOTECA FORNECEDORA: UNICAMP

N.º SOLICITAÇÃO:

CÓDIGO DE NÃO ATENDIMENTO:

- 1. A BIBLIOTECA NÃO POSSUI O DOCUMENTO ()
- 2. OS DADOS NÃO COINCIDEM ()
- 3. O DOCUMENTO ESTÁ EMPRESTADO ()
- 4. CITAÇÃO INCOMPLETA ()

DEVOLVER EM:

VIA POSTAL ()

PORTADOR ()

OUTROS: _____

18 MAR 2008

OBRA ENVIADA EM:

ASSINATURA DO BIBLIOTECÁRIO RESPONSÁVEL
CRB -

Aline Becassi



estrutura social brasileira extremamente desigual gera uma enorme população de baixa renda que, no entanto, precisa vestir-se. Para este mercado o baixo preço é fator fundamental, sacrificando-se a qualidade do produto, ou sua durabilidade ou ainda sua aparência. O baixo preço é possível de ser praticado pelas micros empresas, já que é menor o dispêndio com equipamentos obsoletos e com matérias primas de qualidade inferior que geralmente adquirem³¹". (Atem, 1989: 24,25)

Assim, a estratégia de atuação das grandes firmas possibilita a participação de pequenas e médias firmas em nichos de mercado. Não apenas mercados de baixo preço, mas também regionais, de produtos artesanais, de produtos especiais, etc. Ao mesmo tempo, a desigualdade social do país gera uma enorme população carente, e conseqüentemente gera um mercado para firmas têxteis que atuam através da utilização de máquinas e equipamentos em diversos níveis de obsolescência, criando heterogeneidade entre firmas do mesmo porte.

A heterogeneidade do complexo têxtil brasileiro explica o movimento de concentração industrial neste setor. À medida que algumas firmas (geralmente as maiores) conseguem se modernizar, sua produtividade cresce a nível muito mais elevado que a produtividade das firmas tecnologicamente obsoletas, devido o enorme diferencial de economias de escala que separa as firmas modernas das tecnologicamente atrasadas. A tendência em épocas de expansão econômica é de que ocorra concentração relativa, já que o investimento em modernização gera um aumento muito maior de produtividade do que a simples agregação de outras máquinas ao capital fixo existente, fato que geralmente ocorre em pequenas e médias firmas quando querem aumentar sua produção.

Já em fases de retração econômica, a maior eficiência produtiva e solidez financeira leva as grandes firmas, tendo em vista a retração da demanda, a compensar isto expulsando pequenas e médias firmas pouco

³¹ Atem, S. M. Indústria Têxtil: *Estrutura de Mercado, Inovação Tecnológica e Estratégia Empresarial*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC, mimeo.

produtivas e mais frágeis financeiramente. Ocorre assim concentração absoluta.

" No Brasil, a pequena difusão dos novos equipamentos dá às firmas capazes realizar volumosos investimentos grande poder de mercado. Ao mesmo tempo, prolonga, para as máquinas antigas, a viabilidade econômica (também assegurada pelos baixos níveis salariais). A possibilidade de expansão descontínua do capital fixo, através da justaposição de máquinas novas, mesmo com idades tecnológicas diversas, ao lado das antigas, amplia a heterogeneidade inter e intrafirmas, propiciando a concentração econômica em períodos de retração do mercado³². " (Haguenauer, 1991: 52,53)

A análise teórica de Steindl (1986) aqui é comprovada. A dinâmica de um mercado onde um grupo de firmas se diferencia positivamente das demais através da inovação, seja de produto, de processo, ou outras formas, obtendo maiores margens de lucro e acumulação, nos ajuda a entender as características do complexo têxtil nacional.

Enfatiza, em sua teoria, certo tipo de mercado que se caracteriza por possuir firmas que, por serem inovadoras, são mais eficientes, e por isso obtêm maiores margens de lucro que as demais. As firmas inovadoras são classificadas por Steindl como firmas "progressivas". Já as firmas não inovadoras (menos eficientes) são as chamadas firmas "marginais".

A maior acumulação interna das firmas progressivas as leva a se expandir. Num ambiente, com uma dada taxa de crescimento da indústria a expansão das firmas progressivas (por serem mais eficientes) será maior que a expansão das firmas marginais, levando a uma diminuição relativa da participação destas no produto gerado pela indústria (concentração relativa).

³² Haguenauer, L. op. cit. 1991, p 52/53.

As vantagens, que segundo Steindl, são cumulativas, levam as firmas progressivas a se expandir além de um nível crítico, que é a taxa máxima de expansão das firmas que não ultrapasse a taxa de expansão da indústria. Quando o nível crítico é ultrapassado, as firmas progressivas começam a expulsar as firmas marginais do mercado, começando um processo de concentração absoluta.

Somente a difusão da tecnologia por toda a indústria poderia reverter essa tendência à concentração num mercado com esta configuração. A dinâmica da Indústria Têxtil nacional se assemelha muito com o quadro teórico acima, o que torna esta análise extremamente relevante para se entender o processo de concentração ocorrido na indústria têxtil nacional.

Os dados da tabela 7 mostram que, apesar da concentração da produção e conseqüente diminuição da participação das pequenas e médias firmas no valor adicionado, estas, em número de estabelecimentos, ocupam ainda um espaço relevante na estrutura do complexo têxtil brasileiro. Em 1970 as firmas com menos de 100 empregados eram 85,6% do total. Em 1985 eram 83% do total, uma queda pouco significativa. Mantém-se certo espaço de atuação deste tipo de firmas, o que reflete a viabilidade econômica de se produzir com equipamentos obsoletos, conseqüência da existência de um enorme mercado formado pela população marginalizada, como já foi visto. Sem este mercado mesmo as pequenas firmas seriam obrigadas a atingir níveis razoáveis de qualidade, sem o qual não teriam espaço no mercado.

As tabelas 8 e 9 abaixo fornece a importância relativa de cada subsetor dentro do complexo têxtil brasileiro. Ambas se referem a dados do ano de 1981.

TABELA 8.
DISTRIBUIÇÃO DA RECEITA PORTE POR ATIVIDADE DA INDÚSTRIA TÊXTIL

Em percentagem - 1981.

Porte	Setor Têxtil		Fiação/Tecelagem		Malharia		Acabamento		Passamanaria		Tecidos Especiais		Artef não Especificados	
	Empresa	Receita	Empresa	Receita	Empresa	Receita	Empresa	Receita	Empresa	Receita	Empresa	Receita	Empresa	Receita
Grande	10	84	17	89	4	63	16	79	7	66	17	84	9	90
Média	6	7	7	6	3	12	11	12	3	8	14	11	4	3
Pequena	15	7	14	4	12	17	19	7	17	18	15	3	15	5
Micro	69	2	62	1	81	8	54	2	73	8	54	2	72	2

Tabela 9.
Distribuição das Empresas e da Receita da Indústria Têxtil
por área de atuação.

Em percentagem - 1981.

Subsetor	Empresa	Receita
Fiação/Tecelagem	41	68
Malharia	41	12
Passamanaria	5	2
Tecidos Especiais	2	3
Acabamento	3	4
Artefatos não Especificados.	8	11

Fonte: Tabelas 3 e 4. CDI/sindi, 1982. Organizado pelo SENAI - DN, 1987
Extraído de Atem (1989)

Critérios de Classificação: Faturamento e/ou Ativo Imobilizado.

Porte	Faturamento	Ativo Imobilizado
Micro	até 6629	até 1599
Pequeno	de 6630-23199	de 1600-6499
Médio	de 23200-55599	de 6500-18249
Grande	acima 55600	acima 18250

Valores em Maior Valor de Referência de 1980 = Cr\$ 2996,00

No ano de 1981, o subsetor mais importante dentro do complexo têxtil brasileiro é o subsetor de fiação e tecelagem. Segundo dados da tabela 4, este subsetor abrigava 41% das firmas têxteis e é responsável por 68% da receita gerada nesta indústria.

Já o subsetor de malharia, apesar de abrigar os mesmos 41% de firmas que o subsetor de fiação e tecelagem, é responsável por apenas 12% da receita gerada pela indústria têxtil.

O que determina este fenômeno é o fato do subsetor de fiação e tecelagem possuir uma percentagem maior de firmas de médio e de grande porte do que o subsetor de malharias. Os dados da tabela 8 mostram que, enquanto a fiação e tecelagem possui 76% de pequenas e micro empresas, na malharia estas representam 93% do total.

Os subsetores de tecidos especiais, acabamento e artigos não especificados abrigam juntos apenas 13% do total de empresas têxteis, mas são responsáveis por 18% da receita gerada por esta indústria. Estes subsetores, assim como a fiação e tecelagem, possuem um número maior de grandes empresas que os subsetores de malharia e passamanaria, extremamente pulverizadas.

A tabela 10 abaixo complementa a análise da estrutura da produção têxtil nacional, à medida em que nos fornece um panorama da evolução dos subsetores têxteis, o que nos permitirá fazer comparações mais adiante com as tendências internacionais.

Tabela 10.
Estrutura da Produção Têxtil: Participação no Valor Adicionado (%)

Discriminação	1970	1975	1980	1985
Benef. Fibras Naturais	8,66	9,77	8,55	8,36
Fiação/Tecelagem naturais	32,26	25,82	34,1	37,45
Fiação/Tecelagem artificiais	20,65	18,54	19,85	17,66
Malharias	11,12	6,17	5,8	4,52
Artigos Têxteis de uso doméstico	4,17	12,38	7,25	7,25
Outras têxteis	23,14	27,32	24,45	24,76
Têxteis na Indústria	9,22	7,27	6,56	6,22

Fonte: IBGE, Censos Industriais.

Extraído de Haguenauer, L (1990).

Os segmentos iniciais da cadeia produtiva (fiação e tecelagem de fibras naturais) vem mantendo uma grande participação no valor adicionado desta indústria. Já o subsetor de malharias vem diminuindo sua participação no valor adicionado.

Segundo Haguenauer: " A redução da participação das malharias deve-se ao menor crescimento relativo de seu valor adicionado, possivelmente devido a uma mudança na composição da produção do setor. Neste período, houve um deslocamento da produção de produtos mais finos, produzidos de forma quase artesanal, para padronizados, com a consolidação de um dos grupos mais fortes na indústria têxtil nacional, o grupo Hering³³."

Em relação ao complexo têxtil na matriz industrial brasileira, aquela vem perdendo espaço sistematicamente no período estudado. Com uma participação de 9,22% no valor adicionado da indústria brasileira em 1970, diminui para 6,22% sua participação em 1985.

As tabelas 11 e 12 mostram a evolução da produção e do emprego na indústria têxtil nacional. Elas explicitam o caráter poupador de mão de obra desta evolução.

³³ Haguenauer, L. op cit. 1991, p 30.

Tabela 11.
Indústria Têxtil: Pessoal Ligado à Produção (Em Mil).

Discriminação	1970	1975	1980	1985
Têxtil	318	320	358	313
Beneficiamento de fibras naturais	9	12	17	17
Fiação e Tecelagem naturais	138	136	140	132
Fiação e Tecelagem artificiais	54	60	66	56
Malharias	38	27	36	19
Artigos têxteis de uso doméstico	15	16	20	23
Outras Têxteis	64	69	79	66

Tabela 12.
Índice do Valor Adicionado por pessoa ocupada (%) - Ano Base 1970

Discriminação	1970	1975	1980	1985
Têxtil	100	242	404	502
Beneficiamento de fibras naturais	100	176	164	185
Fiação e Tecelagem naturais	100	169	327	440
Fiação e Tecelagem artificiais	100	209	416	384
Malharias	100	207	317	545
Artigos Têxteis de Uso Doméstico	100	737	751	761
Outras Têxteis	100	290	493	699

Fonte: IBGE, Censos Industriais
Extraído de Haguenauer, L (1990)

Enquanto o nível de emprego, no período estudado, permaneceu estagnado, o valor adicionado por pessoa ocupada cresceu 5 vezes, refletindo o enorme aumento de produtividade ocorrido nesta indústria.

Os subsetores que mais se modernizaram à partir dos anos 70 foram a Malharia e o subsetor de Artigos Têxteis de Uso Doméstico. Neste, a modernização deve se principalmente à consolidação de grandes empresas do pólo de Santa Catarina, mais especificamente os grupos Artex e Teka, com forte atuação no comércio internacional destes produtos.

Já no subsetor de Malharias houve um forte incremento de produtividade, ao mesmo tempo em que sua participação no valor adicionado cai. Isso se deve a uma mudança na composição da produção de artigos produzidos quase artesanalmente para produtos padronizados, de menor valor adicionado, onde se consolidaram grandes grupos têxteis.

Segundo Haguenaer (1991) " Em níveis dos subsetores têxteis, a maior modernização parece ter ocorrido na produção de artigos têxteis de uso doméstico e nas malharias, segmentos nos quais tudo indica ter o país realmente adquirido competitividade internacional. Em outros têxteis, segmento muito heterogêneo, o mais provável é ter havido mudança na composição da produção em direção a produtos de maior valor adicionado³⁴ .

³⁴ Haguenaer, L. op cit. 1991, p 35.

CONCLUSÕES.

A evolução histórica da Indústria Têxtil nacional nas últimas décadas gerou um setor industrial marcado pelo obsolescência e pela falta de competitividade, o que determinou as atuais dificuldades enfrentadas pelo setor têxtil brasileiro frente a nova estrutura concorrencial.

Inúmeros fatores podem ser apontados como determinantes do baixo nível de competitividade da indústria têxtil brasileira. Como fez o *Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira (ECIB)*, dividimos os fatores de competitividade por nós considerados mais relevantes para nossa monografia em três grupos: fatores sistêmicos, fatores estruturais e fatores internos à empresa. Analisamos, como referencial comparativo, o caso de países bem sucedidos competitivamente nesta Indústria, basicamente países desenvolvidos e países emergentes, procurando esclarecer que a competitividade de empresas, setores (que é o caso analisado neste trabalho) ou países, só pode ser inferido mediante a caracterização da dinâmica concorrencial comparada (enfoque sistêmico).

Como um fator sistêmico importante, destaca se a política econômica de substituição de importações, que se baseou, entre outras coisas, pelo elevado grau de protecionismo a toda economia brasileira, sem a contrapartida da adoção de uma política industrial eficiente. Foi neste ambiente econômico macro que a indústria têxtil brasileira se desenvolveu nas décadas de 70 e 80.

"(...) No Brasil, como de resto em toda a América Lativa, praticou se desde o pós-guerra políticas de industrialização predominantemente defensivas que se caracterizaram por um protecionismo exagerado e indiscriminado.

Conjuntamente com a política cambial, essas políticas favoreceram taxas de rentabilidade mais elevadas no mercado interno, relativamente ao internacional, criando assim uma tendenciosidade à produção para o mercado interno e um viés anti-exportação. O resultado foi uma indústria com elevado grau de ineficiência, por isso mesmo não competitiva interna e internacionalmente (com as excessões de praxe), e com ausência de criatividade.

Esta ineficiência e não competitividade da indústria brasileira resultou da ausência de uma estratégia de desenvolvimento científico e tecnológico como parte das políticas de industrialização implementadas à partir dos anos 50³⁵." Suzigan (1988).

Já os países subdesenvolvidos, a maioria do sudeste asiático que alcançaram níveis excelentes de competitividade nas décadas de 70 e 80, não obstante a adoção de políticas altamente protecionistas, implementaram em contrapartida fortes políticas industriais no intuito de desenvolverem sua força competitiva.

Além destes, os países desenvolvidos, que tiveram seus mercados ameaçados pelas economias emergentes, também adotaram políticas industriais de reestruturação e modernização.

" Verifica se, no plano internacional, um esforço significativo voltado para atenuar as vantagens competitivas dos países em desenvolvimento nas indústrias do Complexo Têxtil. Este esforço concentra se na crescente introdução de automação baseada na microeletrônica e na ênfase, cada vez mais acentuada, em aspectos competitivos que não preços. As características tradicionais das indústrias do complexo foram radicalmente alteradas nas últimas duas décadas, tornando o complexo crescentemente intensivo em capital e conhecimento. Cada vez mais torna se vital a flexibilidade para adaptar se às mudanças do mercado, onde a inovação e a qualidade dos produtos adquiriram a mesma importância do que os preços na determinação da competitividade. O padrão atual de competição exige,

³⁵Suzigan, W. *Aspectos Estruturais e de Política Industrial para a Competitividade da Indústria em Países Selecionados*. Campinas, UNICAMP-IE. Extraído de Atem, S. M. Op cit. 1989. p 52.

crescentemente, a incorporação de técnicas ligadas à organização e à gerência de produção, a interação entre as empresas da cadeia produtiva, a pesquisa e desenvolvimento de novos produtos e mercados, onde a cooperação intra-complexo assume um papel central.

No contexto atual em que vantagens competitivas são cada vez mais deliberadamente criadas, verificou se, no Brasil, a ausência de políticas industriais abrangentes de relevância para os desafios específicos enfrentados pelas indústrias do complexo têxtil. No Brasil, as indústrias em questão, como o restante da economia, ressentiram se do processo de estagnação que perdura desde o início da década de 80³⁶. (ECIB: 25).

Outro fator sistêmico importante está relacionado com a estrutura social do país. O enorme mercado consumidor de baixa renda existente no país, como já analisado no capítulo 3, possibilita a existência de pequenas firmas têxteis que produzem através de equipamentos obsoletos e utilizando insumos geralmente de baixa qualidade. Possibilita se assim a sobrevivência de toda uma parcela do setor têxtil atrasada tecnologicamente.

Já nos países desenvolvidos, mesmo as pequenas firmas alcançam níveis mínimos de qualidade, pressupondo certo nível de eficiência na sua função de agentes importantes no processo de rearticulação do complexo têxtil.

"(...) a participação de pequenas empresas na composição da estrutura da oferta de produtos têxteis não é exclusiva do Brasil. De fato, levantamentos realizados em países da Comunidade Econômica Européia e referentes à indústria têxtil e de vetuário, apontaram a existência de dezenas de milhares de empresas empregando menos de 20 trabalhadores e aproximadamente 14 mil empresas que empregavam menos de 100 pessoas em fins de 1986.

Porém, diferentemente do que ocorre no Brasil e coerentemente à estrutura social menos desigual dos países europeus, mesmo as pequenas

³⁶ECIB. *Competitividade do Complexo Têxtil*. (nota técnica setorial do complexo-versão preliminar). Campinas, 1993. p 25.

empresas já devem obedecer a um padrão mínimo de qualidade dos produtos ofertados. Além disso, um número razoável delas produzem artigos especiais, da moda, etc, de alto valor unitário, cuja produção conta com elevados requisitos tecnológicos, organizacionais, etc³⁷." (Atem, 1989:26)

Os altos custos financeiro vigentes no país durante a década de 80, infinitamente mais elevados que os custos financeiros internacionais, também contribuiu para o atraso de grande parte do parque têxtil nacional. Somente as grandes empresas, neste contexto macroeconômico, tiveram condições de realizar vultosos investimentos e se inserir no padrão de modernização difundido mundialmente. Para toda a parcela de pequenas e médias empresas, os elevados preços dos novos equipamentos, aliados aos custos financeiros proibitivos a esta faixa de empresas e às incertezas quanto à demanda numa economia desestabilizada pela alta inflação, impediram qualquer possibilidade desta parcela do setor têxtil realizar o esforço necessário de reestruturação que o novo modelo de modernização requer.

Já nos países desenvolvidos, os governos buscam, através da criação de financiamentos especiais, induzir o sucateamento do equipamento antigo, e com isso modernizar o parque têxtil.

" Um exemplo interessante de iniciativa de política industrial é o caso do Japão. Além de programas voltados para a modernização da capacidade instalada, através do financiamento ao sucateamento dos equipamentos mais antigos, verificou se a criação de programas, com financiamento compartilhado entre governos e empresas, de pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias relevantes para os desafios competitivos do complexo têxtil³⁸." (ECIB, 1993:32)

Outro fator sistêmico nocivo à competitividade da indústria têxtil nacional é o desorganizado sistema tributário brasileiro. Os impostos em cascata oneram sobremaneira os insumos, bens de capital e o produto final, fazendo com que se dificulte ainda mais as relações intra complexo têxtil,

³⁷Atem, S. M. op. cit. 1989. p 26.

³⁸ECIB. *Competitividade do Complexo Têxtil*. 1993. p 32.

contribuindo para prática de preços desiguais, utilizando a indisciplina fiscal e tributária como importante fator que deteriora a competência concorrencial.

Apesar do setor têxtil nacional apresentar um pequeno grupo de firmas que se igualam às mais modernas do mundo, a maior parte do setor têxtil nacional é composta por firmas tecnologicamente atrasadas, obviamente, se as analisarmos pelas suas deficiências competitivas.

O relacionamento entre firmas no Brasil segue a lógica da obtenção de vantagens por meio de uma situação conflitiva entre os elos da cadeia produtiva que se interrelacionam. No caso da subcontratação, por parte das grandes firmas, de serviços prestados por pequenas empresas, geralmente o ganho obtido nesta relação se deve a "práticas espúrias", como emprego de mão de obra informal e sonegação fiscal por parte da empresa subcontratada.

"Nas indústrias do complexo têxtil é frequente a utilização de subcontratação de empresas menores para a prestação de serviços. Estes serviços podem envolver a fabricação de componentes para posterior montagem na empresa contratante, como por exemplo, a realização de fases distintas da produção, como os serviços de acabamento de fios e tecidos na indústria têxtil, ou mesmo a subcontratação total de certas linhas de produto, muitas vezes realizadas com máquinas obsoletas arrendadas pelas empresas contratantes. As relações entre as partes geralmente são conflitivas, já que não são motivadas por formas evoluídas de gestão, onde ganhos de produtividade derivados da especialização formam a base da relação contratual. No Brasil, a integração produtiva tem visado apenas à redução de custos diretos, sem grandes preocupações com qualidade. Frequentemente é motivada pelas possibilidades de contornar obrigações tributárias e encargos sociais³⁹." (ECIB, 1993:44).

Já na subcontratação doméstica realizada nos países desenvolvidos prevalece uma relação de parceria entre as partes, onde se busca ganhos de qualidade, produtividade e eficiência baseados na especialização, diferindo totalmente do caso brasileiro.

³⁹ECIB. *Competitividade do Complexo Têxtil*. 1993. p 44.

A falta de uma integração mais cooperativa mesmo entre pequenas empresas limita em grande medida a competitividade da indústria têxtil nacional. O novo paradigma tecnológico, altamente intensivo em tecnologia e conhecimento, requer investimentos e capacitações muitas vezes impossíveis de serem adquiridas por uma firma atuando isoladamente. O estreitamento das relações entre empresas pode contribuir para aumentar a capacidade técnica e gerencial de pequenas empresas, o que elevaria a competitividade desta parcela da indústria têxtil, contribuindo para uma melhor inserção competitiva deste setor industrial como um todo.

"A aglutinação de empresas nos pólos em torno de projetos comuns, além de propiciar condições adequadas à elevação da eficiência produtiva e gerencial, pode também facilitar as relações tanto com fornecedores como melhorar o acesso a mercados inexplorados pelas deficiências de escala.

Trata-se de um instrumento importante para estimular e promover a modernização tecnológica e gerencial das pequenas e médias empresas. No plano internacional, a experiência da formação do pólo de vestuário da região de Emília Romana, na Itália, demonstrou a capacidade transformadora deste instrumento de desenvolvimento empresarial. Esta região tornou-se próspera exportadora de vestuário através da atuação do sistema de redes horizontais de empresas, compartilhando a utilização de equipamentos de CAD/CAM, centrais de acabamento e contando com apoio de um centro de pesquisas e informações⁴⁰." (ECIB, 1993:45).

Existe pois, uma enorme gama de fatores internos à empresa determinantes da competitividade. No estudo da indústria têxtil realizado nesta monografia, importantes fatores empresariais se interrelacionam com fatores estruturais e sistêmicos. Deficiências quanto às condições tecnológicas, qualificação da mão de obra, entre outros, estão em grande medida ligados a políticas industriais e sociais.

Por outro lado, os "vícios" de um setor pouco dinâmico e inovador, sob o aspecto de "capacitação gerencial" ou "empreendedora", demonstra que

⁴⁰ECIB. op. cit. 1993. p 45.

predominam raízes na cultura e conduta empresarial extremamente conservadoras e defensivas, defasadas totalmente em relação aos desempenhos concorrenciais que relatamos.

Como Conclusão, pudemos verificar que:

Sob o enfoque mais amplo dos fatores de competitividade, o setor têxtil brasileiro está em muitos aspectos desvinculado das tendências gerais da competitividade a nível mundial.

Endógena e Exogenamente o setor tem demonstrado pouca capacidade pró ativa de inserção a nível de competitividade, seja ao nível do mercado interno e externo.

Se, equacionadas e efetuadas as condições gerais de estabilização econômica, políticas setoriais e industrial duradouras e consistentes, poderiam estimular a rearticulação deste complexo industrial.

Bibliografia.

Atem, S. M. *Indústria Têxtil: Estrutura de Mercado, Inovação Tecnológica e Estratégia Empresarial*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC, mimeo. 1989.

Belussi, F. Benetton. *Information Technology in Production and Distribution. A Case Study of the Informative Potential of Traditional Sectors*. Brighton, SPRU (Occasional Paper, 25). 1987.

BNDES / DEEST. *Proposta de Políticas para Apoio a Modernização e Expansão do Setor Têxtil*. Rio de Janeiro. BNDES / DEEST, 1986.

Cline, W. R. *US Trade and Industrial Politics: The Experience of Textiles, Steel and Automobiles*. 1986. In: Krugman, P. Jr (ed). Strategic Trade Policy and the New International Economics. Massachusetts. The MIT Press.

Competitividade do Complexo Têxtil. In: Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira. (nota técnica setorial do complexo-versão preliminar). Campinas, 1993.

Coutinho, L / Ferraz, J. C (org). *Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira* (versão final). Campinas, 1994.

The Economics of the Global Textile Industry. In: The Global Textile Industry. (Word Industry Studies, nº2). British Library Cataloguing in Publication Data.

FIBGE. *Censos Industriais do Brasil*. Rio de Janeiro. FIBGE. 1970-1985.

Haguenuer, L. *A Indústria Têxtil Brasileira*. IPT / FECAMP. Campinas, 1990.

Macarini, J. P / Biasoto Jr, G. *A Indústria Têxtil Brasileira. Diagnóstico Setorial*. CICCT / COINCO / UNICAMP-IE. Campinas, 1985. (versão final).

Mathias dos Santos, J. B. *A posição da Indústria Têxtil Brasileira no Mercado Internacional*. Monografia UNESP, 1993.

Mytelka, L. K. *Technological Change and the Global Relocation of Production in Textiles and Clothing*. *Studies in Political Economy* 36, 1991.

Porter, M. E. *Estratégia Competitiva. Técnicas para Análise de Indústrias e da Concorrência*. Ed Campus, 5ª ed. 1991.

Porter, M. E. *Vantagem Competitiva. Criando e Sustentando um Desempenho Superior*. Ed Campus, 1989.

Possas, M. *Estruturas de Mercado em Oligopólio*. São Paulo, Hucitec, 1985.

Suzigan, W. *Aspectos Estruturais e de Política Industrial para a Competitividade da Indústria em Países Selecionados*. Campinas, UNICAMP-IE. 1988.

Steindl, J. *Maturidade e Estagnação no Capitalismo Americano*. São Paulo, Abril Cultural, 1986.

Tavares, M da C. *Acumulação de Capital e Industrialização no Brasil*. Rio de Janeiro, UFRJ (Tese de Livre docência). 1975.